

Urdimento

Revista de Estudos em Artes Cênicas

E-ISSN: 2358.6958

Nosso Evangelho

Edson Sodré Teixeira

Luan de Almeida São Jose

Natália Ribeiro Fiche

Para citar este artigo:

TEIXEIRA, Edson Sodré; JOSE, Luan de Almeida São; FICHE, Natália Ribeiro. Nosso Evangelho. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731033920200602>

Nosso Evangelho

Edson Sodré Teixeira¹
Luan de Almeida São Jose²
Natália Ribeiro Fiche³

Resumo

O presente trabalho consiste na peça *Nosso Evangelho* com apresentação do autor Edson Sodré, fundador do *Grupo Teatral Kriadaki* e aluno do Ensino de Teatro da Unirio. Ainda cumpre pena no regime semiaberto. A peça busca uma forma simples de comunicar, compõe-se de críticas ácidas e irônicas às diversas camadas da sociedade, inclusive ao próprio fazer teatral. Há várias referências a diversos autores e pensadores dramaturgicos com objetivo de atrair o olhar de pessoas das camadas mais pobres da sociedade.

Palavras-chave: Teatro. Educação. Cultura. Prisão.

Our Gospel

Abstract

The present work consists of the play *Nosso Evangelho* with the introduction of the author Edson Sodré, founder of the *Kriadaki Group Theater* and student of the Teaching of Theater at Unirio. He is still serving time in the semi-open regime. The play seeks a simple way of communicating, composed of acid and ironic criticisms to the different layers of society, including the theater itself. There are several references to different dramaturgical writers and thinkers in order to attract the eyes of people from the poorest sections of society.

Keywords: Theater. Education. Culture. Prison.

¹ Autor do texto dramático. Escritor, diretor e ator. Atualmente é licenciando em Teatro pela Unirio, cursou anteriormente, ainda que sem concluir, as graduações de Filosofia na UERJ e Letras na própria Unirio. Membro e co-fundador do *Grupo Teatral Kriadaki*, tem oito peças escritas e ainda não publicadas e dezenas de atuações em seu currículo. Sua carreira no mundo teatral teve início no ano de 1998 após uma tentativa de fuga da unidade prisional *Lemos Brito*, na cidade do Rio de Janeiro. edsonsodre.t@gmail.com

² Licenciado em teatro pela UNIRO. Ex-integrante do *Projeto de Extensão Teatro na Prisão*. Coautor do texto. d.luandealmeida@yahoo.com.br

³ Profa. Dra. Adjunta IV do Departamento de Atuação Cênica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de Artes, com ênfase no trabalho de Voz e Interpretação Teatral. Especialista em problema de voz, preparadora vocal em peças teatrais. Fundadora e uma das coordenadoras do *Projeto de Extensão Teatro na Prisão*, da Unirio. nalifiche25@gmail.com

Nuestro Evangelio

Resumen

El presente trabajo consiste en la obra *Nosso Evangelho* con la presentación del autor Edson Sodré, fundador del *Grupo de Teatro Kriadaki* y alumno de la Enseñanza del Teatro en Unirio. Todavía está cumpliendo condena en el régimen semiabierto. La obra busca una forma sencilla de comunicarse, compuesta de críticas ácidas e irónicas a los diferentes estratos de la sociedad, incluido el propio teatro. Hay varias referencias a diferentes autores y pensadores dramáticos con el fin de atraer la atención de personas de los sectores más pobres de la sociedad.

Palabras llave: Teatro. Educación. Cultura, Prisión.

Edson Sodré, brasileiro, 58 anos, escritor, ator e diretor teatral, detento há 29 anos, natural de São Mateus, Espírito Santo. Cumpria pena na *Penitenciária Lemos Brito* quando conheceu o projeto de extensão *Teatro na Prisão – Unirio*, em 1998. Atualmente é licenciando em Teatro pela Unirio, cursou anteriormente, ainda que sem concluir, as graduações de Filosofia na UERJ e Letras na própria Unirio. Membro e co-fundador do *Grupo Teatral Kriadaki*, tem oito peças escritas e ainda não publicadas e dezenas de atuações em seu currículo. Sua carreira no mundo teatral teve início no ano de 1998 após uma tentativa de fuga da unidade prisional *Lemos Brito*, na cidade do Rio de Janeiro

Como o próprio Edson disse nas diversas entrevistas que já concedeu⁴ falando de sua vida, sua tentativa de fuga fracassou no sentido físico, mas aconteceu tempos depois em sentido figurativo libertando seus pensamentos para questionar a si e ao sistema em que estava inserido, criando arte a partir das peças teatrais em que atuava e escrevia, incentivado pelo Projeto de Extensão da Unirio. O *Projeto Teatro na Prisão* completa 24 anos em 2021 e consiste em oferecer oficinas de teatro em unidades prisionais femininas e masculinas e mais recentemente tem contemplado turmas de mulheres trans, sempre com o propósito duplo de construção de pensamento crítico do sujeito cidadão a partir da estética teatral e de oportunizar aos discentes da Unirio o desenvolvimento das práticas pedagógicas adquiridas na Universidade.

Sodré começou a participar das aulas para tentar a fuga do presídio por uma manilha de esgoto que passava por debaixo do palco. Após o fracasso da fuga, ele continuou a frequentar as aulas para demonstrar bom comportamento. Por sorte, o diretor da unidade não o transferiu para outra penitenciária e ele pode continuar no teatro. Já havia retomado a escola que o incentivava às leituras diversas e começou a fazer aula de pintura a óleo. O prazer que a oficina de teatro lhe proporcionava, levando-o a vivenciar a liberdade, o fez perceber o quanto o teatro era importante para ele aguentar o período detido naquele lugar sem arrumar

⁴ Vide o filme *Aparte* (2018), de Roberta Campos e as entrevistas cedida à República.org no link <https://youtu.be/wyKGiD4jnTI> e à Rede TVT no link <https://youtu.be/IMsvJkUAhpss>

confusão e correr o risco de ser transferido para a penitenciária de Bangu 1 que era mais rigorosa.

De 1998 a 2006, Sodré atuou em diversas peças - *O Baile* (1998); *Rádio: era uma vez* (1999); *Jornal Extra* (1999); *Bumba meu boi* (2000); *O Pagador de Promessas* (2000/2001); *O Verdugo* (2002); *O escorpião e os dois crocodilos* (2005).

Durante o cumprimento de sua pena Sodré foi transferido de penitenciária inúmeras vezes. Numa ocasião, foi para a *Penitenciária Alfredo Tranjan*, no *Complexo de Gericinó*. Nesta penitenciária não havia o *Projeto Teatro na Prisão*, nem qualquer outro projeto similar. Lá, Sodré conheceu Adriano Rodrigues, também conhecido como Jacaré e criaram o *Grupo Teatral Kriadaki* somados a mais detentos.

Com a rotatividade do sistema prisional, O *Kriadaki* sofreu muitas alterações de participantes, mantendo Sodré e Adriano como fixos. Juntos escreveram o texto *Sementes*, inspirado na música *O Homem na estrada*, dos Racionais MCs. Adriano e outros saíram em liberdade e continuaram fazendo teatro. Em 2014, Sodré conseguiu a progressão para o regime semiaberto e desde então faz diversas apresentações com *Grupo Teatral Kriadaki*, sempre explorando um movimento autoral a partir das montagens de textos escritos por ele ou em cooperação com Adriano. Entre suas principais obras escritas estão as peças - *Devaneios da loucura*; *Pedra no caminho*; *O culpado é sempre o filho da empregada*; *As sementes* (em parceria com Adriano Rodrigues); *Mundo cão*; *Dois neurônios numa mente suja* e *Nosso evangelho*.

Em 2014, Sodré recebeu um ofício o autorizando a trabalhar e retornar para dormir na prisão. A CEDAE (*Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro*) oferecia vagas para detentos em condicional ou semiaberto por meio do projeto *Trabalhando pela Liberdade*. Sodré começou a frequentar o projeto de extensão na Unirio/CLA, em horários vagos. Seu contrato na CEDAE acabou em 2015. No mesmo período, foi criado o projeto *O Leitor como protagonista: leitura, existência e convívio social* com a coordenação do professor da Escola de Letras/CLA, Marcelo Santos. Esse projeto foi criado especialmente para receber os

detentos, egressos do sistema penal e familiares de detentos. Sodré se tornou o primeiro aluno e desenvolveu trabalhos sobre Plínio Marcos e Samuel Becket, dramaturgos que mais tarde o inspiraram a escrever *Dois neurônios numa mente suja* e *Mundo cão*.

Em junho de 2018, após a apresentação da peça *Dois neurônios numa mente Suja*, no auditório Paulo Freire da Unirio, a psicóloga responsável pelo *Serviço de Psicologia da VENCE (Vara de Execuções de Medidas Socioeducativas da Comarca da Capital)* Marlise Eugenie D' Icarahy, ampliou sua parceria com a UNIRIO, por meio do programa de extensão *Enredando saberes*, impasses da prática e os projetos *Em nome do sujeito* e *Teatro na Prisão* com o *Grupo Teatral Kriadaki*, contribuindo para o programa *Eu Apoio A Voz do Adolescente* do *Serviço de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas da Comarca do Rio de Janeiro*.

Desde 2018, até o início de 2020, o grupo desempenhou função na aproximação dos jovens socioeducandos com o *Serviço de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas do Rio de Janeiro* e com a rede de parceiros institucionais do programa *Eu Apoio A Voz do Adolescente*. A linguagem franca e divertida, com que abordam, nas peças, questões difíceis e cruciais, como o acesso à educação e a desigualdade social, favorece a interlocução com os jovens e suas famílias. Cabe destacar que durante a pandemia de Covid-19, em 2020, Sodré e Adriano têm trabalhado em versão de vídeo a ser disponibilizada aos jovens por telecomunicação, que aguarda a apreciação da Magistrada Lúcia Glioche.

No exato momento da feitura deste texto, Sodré está em São Mateus, Espírito Santo, na casa dos seus pais após ter ganho o direito de passar a quarentena com a família. Uma vez que os presídios apresentam alto índice de contaminação, essa decisão foi importante porque mesmo em regime semiaberto ele não poderia sair da unidade prisional. Sua saída só seria permitida mediante ida à Unirio e com a universidade fechada por conta da pandemia de Covid-19, ele praticamente regressaria ao regime fechado.

Estar na cidade natal o fez reencontrar um ambiente muito diferente do qual

ele esteve em metade de sua vida. Em 2016 ele já dizia:

Sodré – Eu vim de uma cidade pequena, né? Onde tinha contato com a natureza. Acostumado a andar a pé. A correr, né? Quando eu era criança a gente ia correndo até o rio pra tomar banho. Atravessava pra lá, pra cá, andava de canoa... Então eu quero retomar agora... Voltar a ter esse contato com a natureza. (São José, 2017. p. 53).

O contraste da vida pacata de São Mateus com o sistema prisional do Rio de Janeiro nos leva a supor um giro de 180° na sua rotina. No entanto, a qualquer momento Sodré pode receber uma convocação para retornar à unidade prisional, o que não lhe permite tanta paz em seu reduto. Sua última peça escrita, neste momento em que se encontra em São Mateus, reflete uma indignação com um mundo falho, burocrático e injusto.

Nosso evangelho revela de forma direta e objetiva o pensamento do seu autor a respeito de uma elite dominadora que toma ares de vilã. Podemos notar um simbolismo ao caracterizar essa elite como se ela estivesse na contramão dos movimentos que pretendem melhores condições de vida às pessoas menos favorecidas da sociedade. Sodré toma um lado e abertamente defende um posicionamento político, chegando a questionar, na própria peça, sua forma panfletária, o que nos leva ao real objetivo de *Nosso evangelho*: o debate. Para tanto, convida os espectadores em diferentes cenas, e faz questão de colocar personagens para repetir o gesto de convite com as mãos, para um debate após a apresentação das cenas, de modo que tal debate passa a ser parte integrante do espetáculo.

O texto que busca uma forma simples de comunicação, compõe-se de críticas ácidas e irônicas às diversas camadas da sociedade, inclusive ao próprio fazer teatral e à forma canônica de se tratar os textos dramaturgicos. Em suas outras peças, notamos elementos semelhantes além da própria personagem Semente que personifica seu autor, quase como um Carlitos de Chaplin. Em *Nosso Evangelho*, Semente tem o propósito de ser o alerta sobre as pesadas consequências que a vida no crime pode acarretar.

O desenvolvimento de Sodré como estudante de teatro também aparece no texto, pois conforme ele foi conhecendo os pensadores do teatro ele foi os incluindo. Há várias referências a diversos autores como Hilda Hilst, Abdias do Nascimento e Augusto Boal. Sua linguagem simples e didática, além de uma inspiração em Brecht que também é citado na peça, tem como principal objetivo atrair o olhar de pessoas das camadas mais pobres da sociedade. O fato de seu grupo, *O Kriadaki*, ter se apresentado principalmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social contribui para o uso de diálogos diretos, aparecendo elementos do metateatro.

O monólogo final sintetiza sua luta a partir do momento em que encontrou o teatro e fez dele sua causa principal. A crença de que a arte unida à educação pode transformar a sociedade num lugar melhor, quase um paraíso, soa de forma utópica, porém é inspiradora e emocionante num grau máximo capaz de puxar a plateia a se envolver mais ativamente no debate que seguirá. É pedagógica para o espectador em duas vias, vai ensinando o jargão teatral e dramaturgício além do didatismo do conteúdo político pedagógico.

Nosso Evangelho

Personagens

Criador – Voz em off do autor da peça, transmitida pela caixa de som.

Deus – Personagem que se recusa a cumprir algumas das ações escritas.

Gerônimo – Morador de rua que sobe ao palco querendo participar da peça.

Marcelo – Morador de rua que sobe ao palco querendo participar da peça.

Semente – Ex-presidiário que procura seu afilhado na Cracolândia.

Espoletinha – Adolescente viciado em crack.

Menor – Adolescente ladrão.

Mendigo – Homem que procura comida no lixo.

Cena 1

Cenário: Céu. Um trono de “ouro” no centro do palco vazio, iluminado com luz e recursos cenográficos criando a ilusão de que tudo no entorno é ouro.

(Palco em trevas. Enquanto o público entra, escuta-se o barulho de uma máquina de escrever.)

Criador – *(Voz em off.)*

No princípio o palco é sem forma e vazio!!!

E a escuridão cobre todo o palco!!!

E o “criador” age sobre o palco!!!

(Com voz poderosa.) – **HAJA LUZ!!!** *(Luz sobre Deus sentado no trono de “ouro”, vestindo túnica branca, usando longa peruca e barba branca.)*

Criador – *(Com voz impostada.)* No primeiro dia...

Deus – *(Estala os dedos como se estivesse fazendo mágica.)*

Criador – No segundo dia...

Deus – *(Repete o gesto.)*

Criador – No terceiro dia...

Deus – *(Inicia e interrompe o gesto.)*

Criador – *(Aumenta o tom da voz.)* No terceiro dia!!!!

Deus – *(Sai da personagem levanta e fala para a caixa de som.)* Isso aqui não tem verossimilhança e é machista!!!

Criador – O quê?

Deus – Dizer que todo o mal que há no mundo começou apenas porque Eva deu a fruta pra Adão comer!

Criador – Vindo de você o povo acredita em qualquer coisa!

Deus – Como assim, vindo de mim? *(Aponta o dedo acusador.)* Foi você que escreveu isso! Sou apenas a personagem!

Criador – E como personagem, te cabe representar sem questionamentos! *(Autoritário.)* Agora por favor, volta pra sua marca e faça a próxima cena! *(Apaga a luz.)*

Cena 2

Cenário - Palco em trevas preenchido com luz de raios, sons de trovões, chuva e gritos de uma multidão em desespero.

Deus – *(Gritando.)* Paraaa!!! *(Noutro tom.)* Para tudo que eu quero descer!

Criador – O que foi? Tem medo de altura? *(A luz acende, mostrando Deus num plano bem alto.)*

Deus – *(Indignado.)* Não vou fazer essa personagem! *(Desce.)*

Criador – Por quê?

Deus – *(Caminha até o proscênio e fala para a caixa de som.)* Esse sujeito é um genocida! *(Explicativo.)* Mata toda a humanidade afogada num dilúvio, incentiva guerras, apoia a escravidão *(Muda o tom.)* e no final quer queimar todo mundo no fogo eterno! Não tenho estômago pra essas coisas! *(Começa a sair.)*

Criador – Ei! Você não pode abandonar a cena assim!

Deus – Já estou abandonando, não vou fazer esse psicopata! Tenho meu nome a...

Criador – *(Cortando.)* Está bem, pra você não ficar mal, vou criar o Diabo e você põe toda a culpa na conta dele!

Deus – Mas isso não é justo! A criatura não tem culpa pelos erros do criador!

Criador – Justo ou não, preciso do Diabo para trazer conflitos para a história! Mas pode ficar tranquilo que outro ator fará o papel! Pra você vou escrever uma personagem que só vai querer o bem da humanidade! *(Ecoa o som da máquina de escrever.)*

Cena 3

Cenário - Céu

(Deus sentado no trono enquanto ecoa o som da máquina de escrever.)

Deus – *(Contrarregra entrega um texto que Deus lê rapidamente.)* – Tô fora!
(Levanta-se.)

Criador – Tá fora por causa de quê? Dessa vez você só vai fazer coisas boas!
(Explicativo.) Irá defender os pobres! Ensinar o povo a dividir os pães e os peixes!
E o seu maior mandamento será: *(Apoteótico.)* “amai-vos uns aos outros”.

Deus – E assim dirão que sou comunista e serei crucificado! *(Para a plateia.)* E de nada vai adiantar o meu sacrifício, porque vai aparecer um falso messias que vai enganar todo mundo!

Criador – Mas no final todos prestarão contas perante o Juiz!

Deus – E já sabemos no que isso vai dar! *(Muda o tom.)* Os da esquerda serão condenados e os da direita nem sequer serão julgados!

Criador – Vamos mudar o rumo dessa conversa, não quero falar de política!

Deus – Mas eu quero falar, pois se nada fizermos terá início uma dinastia de ditadores!

Criador – Se depender do mercado e das autoridades “é melhor já ir se acostumando!”.

Deus – Eis aí a questão: Será mais digno, “se acostumar” com a violência e o destino adverso ou pegar em armas, contra todas as dificuldades, contestá-las e dar-lhes fim?

Criador – Que é isso agora? Quer combater a ditadura com versos de Shakespeare?

Deus – De Shakespeare, de Boal, de Zé Celso, de Dias Gomes, de Plínio Marcos, Hilda Hilst e de todos aqueles que fizeram e fazem do teatro uma arma a serviço do povo! *(Ergue o punho.)* Ditadura nunca mais!!!

Criador – Você está exagerando! Quem atentar contra a democracia, será retirado do poder!

Deus – Disseram isso na Alemanha e veja só no que deu!

Criador – Chega!!! Se formos por esse caminho nunca ganharemos qualquer edital

nesse governo! Não se esqueça o que disse o secretário de cultura: A arte Brasileira da próxima década, será...

Deus – Chega!!! Não quero ouvir esse discurso nazista! E se você tem medo de falar do governo estou fora!

Criador – Já disse que não quero falar em política!

Deus – Pois eu quero!

Criador – Mas quem decide sou eu e já lhe falei que personagem não pode confrontar o criador!

Deus – Pois eu confronto sim! Como dizia Brecht: “Nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”. (*Arranca o cabo da caixa de som e levanta o punho.*) A partir de agora eu serei o criador! Contrarregra!!! Traz as minhas roupas e faz o favor de trocar esse trono, porque quem gosta de ouro são os mercadores da fé... (*Contrarregra entrega-lhe as roupas e troca o trono por uma cadeira simples.*)

Cena 4

Cenário - uma cadeira no lado esquerdo do palco vazio

(Luz sobre o Criador na cadeira, escrevendo numa máquina imaginária, cujo som ecoa pelo espaço, vestindo camisa de mangas compridas, calça social e chapéu.)

Criador – (*Levanta e dirige-se ao proscênio e canta versos de “Balada do louco”, de Arnaldo Baptista e Rita Lee.*) Eu juro que é melhor/ Não ser um normal/ Se eu posso pensar/ Que Deus sou eu... (*Satírico.*) Se acaso quereis saber por que motivo eu me apresento diante de vós “dizendo que sou o criador”, eu vos direi em seguida agradecido pela gentileza de vossa atenção: (*Noutro tom.*) é que sou um escritor! E um escritor assim como o juiz, pensa que é Deus! Morô? – E no meu caso, tenho razões fundamentadas na bíblia! – Porque a Bíblia é um livro! – E os livros são escritos por escritores! (*Noutro tom.*) Portanto se acaso ofendo a crença de alguém, me perdoem, mas Deuses, Anjos e Demônios, são apenas personagens que variam conforme o tempo e o lugar! (*Noutro tom.*) E se a existência do universo prova a existência de um misterioso princípio, a quem chamamos Deus, não prova, contudo, que este seja o Deus dos cristãos, dos Judeus, dos muçulmanos ou de qualquer outra religião. (*Canta versos de “Balada do louco”, de Arnaldo Baptista e Rita Lee.*) Dizem que sou louco/ Por pensar assim/ Mas louco é quem me diz/ E não é feliz/ Não é feliz! – E sem mais delongas daremos continuidade a nossa criação! (*Senta e recomeça a escrever até que entram dois moradores de rua carregando sacos cheios de sucata.*)

Criador – (*Para Gerônimo que usa uma touca velha, vestindo camisa de malha e*

bermuda surradas, calçando botas velhas, trazendo nas costas um saco cheio de sucata.) Tirem as botas e os chinelos porque o palco em que pisam é sagrado!

Gerônimo – Não me venha com essas frases Bíblicas! Tá pensando que é Deus?

Criador – Nesse momento sou, porque sou eu que estou escrevendo o texto!

Gerônimo – Eu não vou tirar!

Marcelo – *(Vestindo camisa de malha e bermuda surradas, calçando chinelos velhos, trazendo nas costas um saco cheio de sucata.)* Nem eu!

Criador – Se não me obedecerem iremos ter conflitos!

Gerônimo – *(Joga o saco no chão com força)* Conflito é comigo mesmo! *(Arma a guarda como quem quer partir pra briga.)*

Marcelo – *(Entra na frente e fala para Gerônimo.)* Não é desse tipo de conflito que ele tá falando!

Gerônimo – *(Para o criador.)* Então trata de escrever um bom texto, porque temos muitas coisas para dizer!

Criador – Vocês já ocuparam as nossas ruas e nossas praças! Agora vão querer ocupar o nosso palco também?

Gerônimo – Você devia agradecer a nossa presença! Personagens como nós é que inspiram os grandes autores.

Criador – Pra começo de conversa, esta peça não é a *Ópera do mendigo!* E sou apenas um autor iniciante!

Gerônimo – Sabemos disso! Por isso resolvemos te dar uma oportunidade!

Criador – Como assim me dar uma oportunidade?! Eu é que estou escrevendo a peça! E para representá-la eu preciso de bons atores! E que eu saiba vocês não têm o DRT!

Gerônimo – Deixa de frescura, pra quê “DRT?” Qualquer um pode fazer teatro. Nunca ouviu falar no teatro do oprimido? Tem que democratizar a cena, ou vai ser mais um a fazer teatro pra divertir a burguesia? – Nunca leu Boal?

Criador – Boal? Vocês tão querendo fazer teatro politizado? Vão querer falar do Amir Haddad, do Zé Celso, do Abdias Nascimento... do Brecht *(Após olhar para os lados.)* Você sabia que por falar nesses nomes podemos ser acusados de comunistas?

Gerônimo – Quem tem medo de cagar não come!!! – Por que pegou na caneta se tem medo de usar? Desse jeito você vai passar a vida escrevendo peças para agradar a burguesia!

Criador – Pensando bem você tem razão! Como diria Dias Gomes: “quem não nasceu pra incomodar não deveria ter nascido!” – Vou escrever um texto sob medida para vocês! *(Escreve rapidamente, levanta, fica de costa para o público e imprime o texto numa impressora imaginária e entrega a Gerônimo um texto que trazia escondido na calça.)*

Gerônimo – *(Folheando o texto.)* Essa impressora é boa! *(Mostra o texto pro Marcelo.)* O texto já vem grampeado! *(Enrola o texto em canudo.)* Cadê meu figurino?

Criador – Não tem!

Gerônimo – *(Olha para todo o espaço cênico.)* Não tem figurino! Não tem cenário! Não tem...

Criador – *(Cortando.)* Não precisamos de nada disso! Pra se fazer teatro, só precisamos da presença dos atores e da plateia! Não conhece o teatro laboratório de Grotowski?

Gerônimo – O único laboratório que eu conheço é aquele em que eu fiz exame de fezes! *(Pausa.)* Quem é esse cara?

Criador – É o cara que criou o conceito de teatro pobre!

Gerônimo – Teatro pobre? *(Após olhar o espaço.)* Haaa! É por isso que não tem cenário nem nada!

Criador – Não é nada disso! É que o fundamental para se fazer teatro é a presença dos atores e da plateia!

Marcelo – *(Após olhar para o espaço.)* Pelo que entendi você é um seguidor desse tal de Grotowski!

Criador – Não! Nem conheço bem sua obra! Não temos nada dessas coisas; porque somos pobres de verdade! Por isso eu vou pegar vocês e botar no palco nu...

Gerônimo – *(Protege o cu com as mãos.)* No meu você não vai “botar” nada!!!

Marcelo – *(Protege o cu com as mãos.)* Nem no meu!

Gerônimo – *(Entrega o texto ao criador.)* Tô fora meu cumpadi! Não curto essa parada! *(Pega o saco e começa a sair.)*

Criador – Ô mente suja!!! Ouça o que tá sendo dito!

Gerônimo – Tô ouvindo!

Criador – Eu disse que iremos botar “não atores” no “palco nu” ...

Gerônimo – Não gosto dessa rima!

Marcelo – Nem eu!

Criador – Então vamos mudar a frase! *(Noutro tom.)* Iremos colocar não atores no palco vazio! Tá bom assim?

Gerônimo – Assim tá melhor! *(Bota o saco no chão.)*

Criador – Então vamos continuar a peça! Você vai fazer o Espoletinha e eu o Semente!

Marcelo – E eu?

Criador – *(Entrega o texto para Marcelo)* Você vai fazer esse aqui! *(Mostra-lhe algo no texto.)*

Criador – Agora vamos pras nossas marcas e fazer a cena! *(Tira a camisa social e o chapéu de criador e põe sobre a cadeira, ficando de camisa de malha e calça social, a luz apaga.)*

Cena 5

Cenário - Cracolândia

(Trevas, latidos de cachorro, miados de gato e guinchado de ratos. Na penumbra do lado esquerdo, vê-se um mendigo revirando um monte de lixo. No lado direito, o “vagalumear” de uma brasa do cachimbo de crack que oscila na escuridão.)

Semente – *(Vestindo camisa de malha e calça social, vem caminhando, para, olha o mendigo que acha algo no lixo e senta-se num canto para comer, enquanto Semente caminha em direção a Espoletinha sentado na sarjeta fumando crack.)* Qualé menor? Te procurei por toda cidade! – Você já pode voltar pra favela!

Espoletinha – *(Com trejeitos dos cracudos, vestindo camisa de malha e bermuda surradas e um saco de sucata.)* Qualé! Não tô a fim de ouvir seu papo! Tô na alta! Tá a fim de roubar minha onda?

Menor – *(Entra por trás da plateia, com uma mochila nas costas, uma camisa de malha cobrindo o rosto, sem camisa, vestindo bermudão, calçando tênis e empunhando um enorme fuzil, gritando e tocando o terror.)* Todo mundo quieto!!! *(Apontando o fuzil em todas direções.)* Todo mundo quieto!!! *(Bem alto.)* E se tiver

alguém armado, lembre-se que você está no teatro! E não vá me dar um tiro nas costas! *(Retoma a ação gritando e caminhando em direção ao palco.)* Tá tudo cercado! *(Sobe no palco e aponta para a plateia.)* Ninguém entra e ninguém sai!!! *(Aponta o fuzil para Espoletinha.)* Me dá o cachimbo e a touca! *(Espoletinha passa o que foi pedido.)*

Semente – *(Começa a entregar o telefone.)* Toma!

Menor – Pode guardar isso que eu não vim roubar celular!

Espoletinha – Então o que é que você vai roubar?

Menor – A cena!

Espoletinha – Não acredito! Vai roubar a cena?! *(Abre os braços).*

Menor – Já tô roubando! *(Cutuca a costela de Espoletinha com o fuzil.)* Desce pra plateia!!! *(Para Semente.)* Entra novamente e vamos refazer a cena! *(Aponta o fuzil para a plateia.)* E nem pensem em sair antes da peça terminar! *(Pega o saco de sucata e vai para a marca.)*

Cena 6

Cenário - Cracolândia *(O mesmo da cena anterior.)*

Semente – *(Vestindo camisa de malha e calça social, vem caminhando, para, olha o mendigo que acha algo no lixo e senta-se num canto para comer, enquanto Semente caminha em direção a Espoletinha sentado na sarjeta fumando crack.)* Qualé menor? Te procurei por toda cidade! – Você já pode voltar pra favela!

Menor – *(Com trejeitos dos cracudos.)* Qualé! Não tô a fim de ouvir seu papo! Tô na alta! Tá fim de roubar minha onda?

Semente – Que onda é essa menor! Olha só onde você está! Vê a sujeira que está ao seu redor! Tu tá fedendo pra caramba! Se eu fosse um cachorro teria te achado pelo cheiro! Isso aqui não é teu lugar!

Menor – Já te falei! Vá embora! Deixa eu curtir minha onda!

Semente – Essa é a tua onda? – Tu fuma crack e pensa que é um rato?

Menor – *(Com voz alta e tiques típicos dos cracudos.)* Qualé a parada! Vai ficar me gastando?

Semente – Deixa disso rapaz! Vamos pra casa do padrinho! Teu bagulho já tá

desenrolado! – Já paguei o prejuízo e você já pode voltar pra favela!

Menor – Voltar pra favela pra quê? Morava na Cracolândia! E Cracolândia é tudo igual! Pra mim tanto faz ficar aqui ou lá!

Semente – Já falei com o padrinho! Tu vai morar com a gente! Prometi pro seu pai que cuidaria de você! E vou começar por fazer sua matrícula na escola!

Menor – Qualé! Tá a fim de ver minha caveira! Se eu for lá a molecada me pega!

Semente – Te pega por quê?

Menor – Me deram um dinheiro pra eu comprar maconha! Aí sabe como é! Comprei tudo em pedra e queimei tudo! E tão me esperando até hoje!

Semente – *(Para a plateia.)* Tá vendo como o Crack faz o cara vacilar! *(Para o Menor.)* Mas esse é um problema fácil de desenrolar! Não vai ser isso que vai te impedir de estudar, adquirir e produzir cultura!

Menor – Eu já tenho cultura! *(Retira um aparelho de som de dentro do saco, liga no volume máximo, canta e dança um funk.)*

Semente – *(Aplaudindo.)* Parabéns!

Menor – Mas sempre dizem que cultura de preto e pobre é apologia ao sexo, às drogas e ao crime!

Semente – Nem todo mundo pensa assim! *(Muda o tom.)* Que tal formar uma parceria e escrever umas letras para trazer à luz o sofrimento do povo preto e pobre que está sendo morto e torturado nas favelas e cadeias?

Menor – *(Noutro tom.)* Esses anos que você passou na cadeia te deixaram maluco, ninguém quer ouvir o que os pretos e os pobres têm a dizer! Ainda mais sendo ex-presidiários!

Semente – Confia em mim! Tive bons professores! Foram eles que me ensinaram que o teatro pode ser usado como instrumento de transformação!

Menor – *(Pra plateia.)* Ele tá pensando que uma “pecinha” de teatro vai fazer a “menosada” parar de roubar e os “cracudos” parar de fumar pedra.

Semente – Não vai! Mas vamos ter oportunidade de promover o debate! *(Pra plateia.)* Ninguém nasce mau e escolhe ser bandido ou viciado!

Menor – Lá vem você com esse papo! *(Pra plateia.)* – Leu meia dúzia de livros na cadeia e pensa que é intelectual!

Semente – Não sou! Mas você pode ser! Basta parar de usar drogas e voltar a estudar! *(Fala pra plateia.)* A principal causa para a ignorância é a falta de oportunidade! *(Com ênfase.)* Você tá tendo oportunidade! E quem tem oportunidade e não aproveita, passa a ser culpado pela própria ignorância! *(Quebram e vão para o proscênio falar com a plateia.)* Aqui há várias questões a serem pensadas: Por que as pessoas não largam as drogas? Por que abandonam a escola?

Menor – As oportunidades estão sendo oferecidas para todos? Uma criança que não teve seus direitos garantidos pelo Estado, ao crescer, pode ser responsabilizado pela sua ignorância?

Semente – Gostaríamos de saber a vossa opinião sobre isso, na roda de conversa que será realizada no final da peça! *(Para o Menor.)* Vamos voltar pra cena! *(Voltam para as marcas.)* Qual vai ser? Vem comigo ou vai ficar aqui com a boca cheia de dentes esperando a morte chegar?

Menor – Nenhuma coisa nem outra!

Semente – Então ousai pensar! Porque as maiores alegrias e prazeres da vida, não estão ao alcance de corações medrosos e mentes preguiçosas! Qual vai ser? Vai deixar a oportunidade passar?

Menor – Mas...

Semente – Não tem mais, nem menos! Vem comigo que o padrinho tá esperando por nós! *(Sai.)*

Menor – *(Vai saindo, para, olha para a plateia, volta e sai da personagem.)* Mas antes de sair eu gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que pessoas como eu deixassem o crime para serem reinseridos na sociedade e ao projeto Teatro na Prisão, que fez que eu parar de roubar celular para roubar a cena! *(Faz uma reverência e sai.)*

Cena 7

Criador – *(Vai até a cadeira e veste o figurino do criador.)*

Gerônimo – *(Levanta cauteloso.)* Cadê o cara?

Criador – Já foi embora!

Marcelo – *(Entrando.)* Quê que está acontecendo?

Gerônimo – *(Exaltado.)* Um menor entrou aqui e roubou a minha cena! *(Aumenta o tom.)* Se eu encontrar ele...

Criador – Não vai encontrar, porque sua cena termina aqui! (*Noutro tom.*) Agora vocês poderiam me dar licença pra eu continuar a escrever minha peça!?

Gerônimo – Mas a cena vai terminar assim?

Criador – Quê você queria? Ser um ator celebridade?

Gerônimo – Você não entendeu nada! Quero apenas uma oportunidade para me expressar!

Criador – Mas você não é um profissional!

Gerônimo – E daí? Os nossos ancestrais, que criaram a arte, não eram profissionais! – Qualquer pessoa pode praticar esporte, cantar, jogar bola, fazer teatro ou outra arte qualquer!

Criador – Poderia! – Mas na prática não pode! Pois no mundo em que vivemos, arte e esporte se tornaram privilégios de uma minoria, enquanto a maioria só trabalha!

Marcelo – É contra isso que devemos lutar! É preciso valorizar a educação, a cultura popular e fazer uma divisão mais justa das riquezas produzidas pelo operário!

Criador – E valorizar o trabalho deles! (*Para a plateia.*) Sei que a peça está panfletária, mas vocês já imaginaram se todo mundo fosse ser médico, advogado, engenheiro ou artista e atleta? (*Pausa.*) Quem iria produzir o alimento que comemos? Construir a casa que moramos ou fazer a limpeza e recolher o lixo que produzimos?

Marcelo – O que você quer com esse discurso? Mudar a humanidade num passe de mágica?

Criador – Nada disso! Quero apenas que os trabalhadores sejam valorizados e respeitados e quando a polícia entrar numa favela, saiba que não chega a 1% o total de moradores envolvidos na guerra por causa das drogas, e a presença dessa minoria não justifica tanta violência com os demais moradores, pois é o suor desses trabalhadores que sustenta a ociosidade de uma minoria de ricos que nunca plantou um pé de alface pra fazer uma salada.

Gerônimo – O texto está bom, mas a gente fala o tempo todo! Tem que fazer algumas mudanças e acrescentar ações físicas! (*Samba interagindo com o público.*)

Marcelo – (*Zoando.*) Tá querendo ficar famoso!

Gerônimo – Quero apenas me divertir! Mas se a fama vier, eu deito na cama... tô

cansado de passar fome e dormir no chão!

Criador – Opa!!!! (Satírico.) Tem que rever isso daí! No Brasil ninguém passa fome, tá ok! Em cada esquina tem uma lixeira com resto de comida e um papelão pro sujeito dormir! Tá ok! (*Muda o tom.*) Mas sonhar não custa nada! E se sua sorte mudar não se deixe usar como exemplo!

Gerônimo – Por quê?

Criador – Porque quando algum preto ou pobre se destaca na arte, no esporte ou numa profissão liberal, a mídia vende a imagem de que os outros não conseguem porque são preguiçosos!

Gerônimo – (*Afastando-se.*) Mas eu não sou preguiçoso! Desde pequeno eu trabalhava com meu pai o dia todo na lavoura! Mas o dono da terra comprou uma máquina enorme que sozinha fazia o trabalho de cem homens e me despediu! Aí, vim pra cidade e trabalhei como ajudante de pedreiro. (*Com orgulho.*) Eu sozinho fazia massa pra oito pedreiros! (*Cabisbaixo.*) Então a empresa comprou uma betoneira que sozinha faz massa pra todos os pedreiros e fui despedido novamente! E assim de despedida em despedida vim parar no meio da rua! Foi aí que eu comecei a beber cada dia mais...

Criador – Até que experimentou o crack!

Gerônimo – Eu nunca usei crack! (*Muda o tom.*) Haaaa! – Agora eu entendi porque você escreveu aquela cena!

Criador – Desculpa! Eu pensei que...

Gerônimo – (*Para a plateia.*) Em meio a tanto desemprego as pessoas acham que todo mundo que está na rua e cata latinha é cracudo e ladrão!

Marcelo – (*Senta no lado esquerdo do proscênio e fala para plateia.*) Sobre esse assunto eu posso falar porque já morei na rua e senti isso na pele...

Criador – Vamos voltar pra cena! Esse papo já não comove quase ninguém!

Marcelo – (*Senta no lado direito do proscênio e fala pra plateia.*) Pra mim catar latinhas é um trabalho como outro qualquer! O que me ofende é que somos explorados e ganhamos muito pouco!

Criador – Como todo mundo nesse sistema capitalista! E não pense você que esse tipo de coisa é por acaso! A escravidão não acabou, passou a receber salário! Faz parte do jogo do poder, fazer o desmonte da educação e da cultura e manter parte da população fora da escola para que não saibam se organizar para fazer greves e reivindicar melhores salários.

Marcelo – E a situação só está piorando, (*Levanta exaltado.*) poderíamos nos organizar e fazer uma greve geral!

Gerônimo – (*Levantando.*) Boa ideia!

Criador – Já falei pra vocês que esta peça não é a ópera do mendigo!

Marcelo – (*Para plateia.*) Maior barato! Quando a gente fala em greve as pessoas logo mudam de assunto!

Criador – Desculpa, mas vocês poderiam sair? Tenho que escrever a próxima cena! (*Senta.*)

Gerônimo – (*Olha para todo o teatro.*) Pensei que pelo menos aqui eu poderia ter um final feliz! (*Triste, pega o saco de cracudo e começa a sair.*)

Criador – (*Comovido.*) Cara! Sinto muito! Mas nesses tempos “temerários”, não há políticas públicas para a cultura, muito menos para o tipo de teatro que queremos fazer! Professores e artistas agora são considerados inimigos do Estado!

Gerônimo – Sei como é! (*Para Marcelo.*) Vamos embora! (Botam os sacos nas costas.) Vamos voltar pro álcool, pois ele nos ajuda a suportar a dura realidade, desse mundo cão! – Onde nem no teatro há oportunidade pra indivíduos como nós! (*Saem pela plateia.*)

Criador – Esperem! (*Grita.*) Voltem aqui! (*Pra plateia.*) Não se esqueçam o que disse Brecht: “Nada deve parecer tão natural que não possa ser mudado”. Se o álcool ajuda vocês a suportar a sua realidade, quem sabe a arte também possa! Vou escrever outra cena pra nós. (*Senta-se e começa a escrever.*)

Gerônimo – (*Volta correndo joga o saco no chão.*) Desta vez escreva uma cena onde eu sou o patrão e pego todas as mulheres!

Criador – Ô Zé Bonitinho... você me desculpa, mas não posso fugir do tema!

Gerônimo – (*Para o Marcelo.*) Tá vendo aí! Já mudou de assunto! Parece um daqueles autores de novelas que só usam os pretos pra fazer papel de bandido, motorista ou empregada doméstica!

Criador – Não estamos na televisão e vamos usar nosso teatro para lutar contra esse sistema que está matando as pessoas pretas e pobres!

Gerônimo – E você acha que uma peça de teatro vai comover essa burguesia? Pra eles uma pessoa morrendo de bala perdida só causa comoção se for branca e morar na zona sul.

Criador – Nisso você está certo! – E isso tem raízes centenárias! – Imagina se os brancos daquela época se importavam com as pessoas negras que morriam

quando os soldados invadiam os quilombos!

Marcelo – *(Olha para os lados e sussurra.)* É melhor tomar cuidado com o que fala! Nesses tempos trevosos é perigoso dizer certas verdades! Podem invadir o teatro e prender todo mundo!

Criador – Mas antes vão ter que ouvir algumas verdades: *(Sobe em cima da cadeira.)* Se querem defender a nação, deem meia volta e apontem o fuzil em outra direção, pois o verdadeiro inimigo da pátria não está no teatro, nem no barraco da favela, mas sim no conforto de uma grande mansão, cercado de muros, com seguranças armados garantindo a sua proteção.

Marcelo – *(Rindo.)* Eu pensei que você ia falar em revolução, desobediência civil, greve geral, boicote ao consumo, ou outra forma de luta e você me vem com esse papo de poeta!

Criador – *(Desce da cadeira.)* Cada um luta com as armas que tem! E nossa arma é o teatro e a educação.

Gerônimo – Educação? *(Puxa os dois para o fundo do palco.)* Não seria melhor falar de coisas menos perigosas? Professores estão correndo risco de ser presos por qualquer motivo!

Criador – E os artistas também, e se nada fizermos qualquer um correrá o risco de ser preso, pois já estão fazendo dossiês com o nome de todos os cidadãos que pensam diferente...

Gerônimo – Mas eu não quero correr esse risco! *(Pega o saco e começa a sair pela esquerda.)*

Marcelo – Nem eu! *(Pega o saco e começa a sair.)*

Criador – Voltem aqui seus medrosos! Quem tem medo de cagar não come! *(Gerônimo e Marcelo param no meio da plateia e Criador sobe na cadeira.)* Educar é dever de todos! Se nada fizermos, irão reescrever os livros de história e seremos obrigados a ouvir dizer que não houve ditadura e que Hitler era de esquerda! E os racistas dirão que os africanos atravessaram o oceano nadando para vir ao Brasil se oferecerem como escravos!

Marcelo – Já estão dizendo essas merdas!

Gerônimo – Então é melhor agir logo antes que reescrevam a Bíblia também!

Criador – Já devem ter reescrito, pois já estão pregando um evangelho que defende os ricos e é favorável à pena de morte, à tortura e à venda de armas!

Marcelo – Talvez fosse melhor não falar dos líderes religiosos! Esses que se dizem

enviados de Deus são inimigos muito perigosos!

Criador – Temos que falar sim, pois além de transformarem as igrejas num comércio, esses vendilhões do templo estão fazendo o povo acreditar num falso messias cujo maior mandamento é “armai-vos uns contra os outros”. E, se nada fizermos, vão querer que acreditemos que a terra é plana e que o sol gira em torno dela.

Gerônimo – Não conseguirão nos impor tamanha burrice, sempre haverá um professor para combater a ignorância e defender a educação!

Criador – Mas aí é que está a questão! O dever de educar não é só dos professores! Quem nasceu num meio e em circunstâncias em que teve o privilégio de adquirir conhecimento não pode fazer dele um monopólio e instrumento de poder! (*Muda o tom.*) Se os reacionários abandonaram Jesus Cristo e estão seguindo um messias que prega violência e ignorância, temos que nos unir e lutar contra isso!

Gerônimo – (*Caminham para o proscênio e falam com a plateia.*) Eis a questão! Como lutar contra alguém que se declarou favorável à tortura e acha que no mínimo 30 mil pessoas deveriam ter sido mortas pela ditadura militar?

Criador – Não sabemos a resposta, mas sabemos que temos que lutar! (*Levanta o punho esquerdo.*) “Por todos os meios”, (*Noutro tom.*) como disse Malcon X...

Gerônimo – Agora vamos continuar a cena!

Marcelo – Lutar com que arma?

Criador – Cada um luta com as armas que tem, os verdadeiros Cristãos com o evangelho de Jesus Cristo! – E nós com o nosso evangelho: ide “por todo o mundo” e levai teatro e educação a toda criatura! (*Joga panfletos para o alto.*) Só assim conseguiremos deixar de agir como um rebanho de ovelhas, guiados por esses lobos disfarçados de pastores.

(*Gerônimo e Marcelo voltam para o palco e catam os panfletos.*)

Gerônimo – Muito bom isso que você disse! Com quem você aprendeu? Paulo Freire?

Criador – Não diga esse nome! (*Desce da cadeira.*) Vão dizer que somos comunistas! (*Sai apressado em direção à saída.*)

Gerônimo – Quem tem medo de cagar não come! Volta aqui!!!

Criador – (*Para no meio da plateia.*) Pensando bem, (*Gritando.*) foda-se o medo! É o medo que faz com que aceitemos que uma minoria monopolize toda riqueza enquanto a maioria mal tem o que comer! (*Sobe em uma cadeira, levanta o punho*

esquerdo e grita.) Viva Paulo Freire! Viva Augusto Boal! Viva Amir Haddad! Viva José Celso!

Gerônimo – *(Levanta o punho esquerdo.)* Viva Abdias Nascimento!

Criador – *(Corre até outro ponto, sobe em uma cadeira, levanta o punho esquerdo e grita.)* Viva Cassandra Rios! Viva Adelaide Carrara! Viva Hilda Hilst! Viva todos que têm a ousadia de pensar e agir! *(Muda o tom.)* Graças a eles nunca se conseguiu impor à humanidade inteira uma só religião, uma só filosofia e uma só concepção político social! E jamais se conseguirá! Pois sempre haverá alguém a defender a bandeira do livre pensamento! *(Corre até outro ponto, levanta o punho esquerdo e grita.)* Viva todos aqueles que lutam pela educação! Graças a eles as ditaduras não duram muito tempo!

Gerônimo – Depois de tudo que ouvi, resolvi seguir Dionísio! Me dá alguns panfletos que vou sair pelo mundo proclamando esse evangelho! *(Dá os panfletos para Gerônimo.)*

Marcelo – *(Desce do palco e vai até o criador pegar os panfletos.)* Também quero proclamar esse evangelho!

Criador – Vamos meus amigos! Vamos proclamar o nosso evangelho!!! *(Criador, Gerônimo e Marcelo distribuem os panfletos dizendo: Dionísio te ama! Vá ao templo de Dionísio!)*

Menor – *(Surge no meio do palco, com uma mochila nas costas, vestindo bermudão, camisa de malha, calçando tênis.)* Esperem!!! Eu também vou com vocês!!! *(Muda o tom.)* E a partir de agora, estas serão as minhas armas... *(Abre a mochila e retira uma caneta e um livro.)* Num país onde diariamente milhares de crianças não têm acesso ao alimento, à cultura e à educação, querer o aumento das penas e a diminuição da maioria penal é fazer da justiça instrumento de vingança e catarse de instintos bárbaros!!! É voltar às trevas ao invés de seguir rumo às luzes das ideias em busca do homem ideal! É prosseguir como rebanhos de ovelhas, guiados por políticos lobos e vendilhões do templo travestidos de pastores, que enquanto roubam nossas riquezas, nos fazem acreditar que os mais pobres que cometem crimes são malvados maiores do que aqueles que fabricam, vendem ou compram armas. E, movidos por ambições supérfluas, fomentam guerras onde um pobre mata outro pobre por causa das drogas traficadas nos navios e aviões dos mais ricos! – “O homem nasce bom, mas pode se tornar mau assim como pode se tornar doente!” – Mas assim como o doente, se for tratado, pode voltar a ser sadio! O homem a quem chamamos malvado, se for ressocializado pode ser bom cidadão! Somos seres mutantes, corpos e pensamentos que se transformam a cada instante! Produto do alimento que comemos, resultado da educação que recebemos! Tudo se transforma! Nada é constante! Já não somos agora o que éramos antes! As espécies que não se adaptam, desaparecem! É preciso distribuir a renda e dividir o pão! E dar a cada criança: Alimento, cultura e educação e todas as condições necessárias à sua

subsistência, a fim de que nenhuma criança, ao crescer, se veja na necessidade de cometer crimes para ser presa ou morta depois! – O que as crianças são aprendem na escola da vida. Criança não nasce má e escolhe ser bandida!!! – Basta de Guerras! Basta de famintos! Basta de prisão! Basta de torturas nas prisões! O homem não foi feito para arrastar correntes! Mas para abrir asas... (*Juntos dizem numa só voz*) A arte nos ajuda a suportar a nossa dura realidade!

FIM

Referências

FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FICHE, Natália Ribeiro. *A pedagogia do Teatro na Prisão*. 2019. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) -,Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na Prisão: A Dramaturgia da Prisão em Cena*. 2016. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SÃO JOSÉ, Luan de A. *O sonho de Sodré: o teatro como criador de perspectivas para o sujeito oprimido*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Teatro da Unirio, Rio de Janeiro, 2017.

Entrevista em vídeo no Canal República_org no YouTube. Disponível em: <<https://youtu.be/wyKGiD4jnTI>> Acesso em: 13 out. 2020.

Entrevista em vídeo no Canal da Rede TVT no YouTube. Disponível em: <<https://youtu.be/IMsvJkUAhps>> Acesso em: 13 out. 2020.

Recebido em: 14/10/2020
Aprovado em: 02/12/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte - CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br